

Maus alunos

Expansão da União Européia não deve ser frustrada por ascensão da direita na Áustria

*Marcelo de Paiva Abreu**

Qualquer que seja a avaliação que se faça sobre a política e as ações recentes da Organização do Tratado do Atlântico Norte, um dos pilares da estratégia européia pareceria a qualquer analista equilibrado como coisa certa: a continuada ampliação da União Européia, absorvendo paulatinamente os ex-integrantes do Pacto de Varsóvia. A equalização, no longo prazo, dos níveis de desenvolvimento econômico da Europa dos 15 e dos novos membros será importante para superar dificuldades políticas que permanecem insolúveis depois de duas guerras mundiais, de quase 50 anos de hegemonia soviética em partes da Europa Central e na Europa Oriental, e de quase dez anos de choque capitalista.

Neste quadro, causa preocupação a ameaça ao projeto de integração européia aumentada que decorre do crescimento de partidos de extrema direita que se opõem à ampliação em direção a leste, corolário de sua posição quanto à imigração. O crescimento da direita na Bélgica e na França é fato grave e desestabilizador. Mas muito mais grave, à luz da história, foi o importante avanço da extrema direita na Áustria. O Partido da Liberdade, de extrema direita, obteve o segundo lugar nas eleições proporcionais, deslocando para a terceira posição o Partido do Povo, conservador. São também preocupantes as reações de espanto de políticos austríacos, como o atual chanceler social-democrata, Viktor Klima, quanto às reações críticas, principalmente na União Européia.

Houve a ilusão de que as lições que o eleitorado pudesse retirar da história austríaca seriam relevantes para manter os partidos de extrema direita com votação inexpressiva. Afinal estas lições pareciam muito mais evidentes e diretas, por exemplo, do que as que eleitores belgas e franceses poderiam retirar do *rexisme*, do comportamento de Leopoldo III e de Pétain, da infame política racial de Vichy. De fato, em duas ocasiões neste século, a Áustria contribuiu de forma importante para a desestabilização política européia. Há quase que unanimidade na avaliação de que a Áustria-Hungria, moribunda como entidade política, manteve atitude extremamente belicosa e tornou a guerra inevitável em 1914, após o assassinato de Sarajevo. Um quarto de século depois, em meio à prostração franco-britânica, a sucessão de regimes políticos de direita culminou, em 1938, com o *Anschluss*, a união de fato, com grande apoio popular, à Alemanha. Não obstante, em contraste com outros países da Europa central e oriental, a Áustria foi extremamente bem tratada no pós-guerra. Submetida à ocupação quadripartite dos aliados, beneficiou-se, em 1955, da decisão soviética de retirar suas tropas do território austríaco e prosperou rapidamente, adotando política de neutralidade entre as duas grandes potências.

Os literatos austríacos se tem revelado analistas mais argutos do que seus políticos. Joseph Roth, judeu da Galícia, revelou-se profético quanto à ascensão do nazismo em seu “A Teia de Aranha”, de 1923. Mas a sua obra prima é “A Marcha Radetzky” (tradução britânica, Penguin, 1974), saga vivida pelos von Trotta, enobrecidos, na admirável primeira página do romance, quando o plebeu tenente Trotta salva a vida do imperador Francisco José na batalha de Solferino. É um retrato extremamente melancólico da decadência final dos Habsburgos, desde a época em que o seu mote AEIOU, *Austriae Est Imperare Orbi Universo* (“Cabe à Áustria governar o mundo”), não era totalmente ridículo, até o *Finis Austriae*: a proclamação da república da Áustria, amputada de seu império das oitenta nacionalidades.

Mais recentemente, Thomas Bernhard tornou-se o algoz da nova Áustria reacionária, representada, por exemplo, por Kurt Waldheim, o presidente da república que necessitou sucessivas retificações para esclarecer (?) as suas reais atividades como oficial da *Wehrmacht* na Iugoslávia. Genial autor de romances e peças teatrais, extremamente ácido, desenganado nos últimos dez anos de vida, Bernhard notabilizou-se por seus persistentes ataques ao *establishment* austríaco. Seu último e maior romance é “Extinção” (tradução britânica, Penguin, 1995), a história de como a morte dos pais filonazistas e católicos faz o liberal Franz-Josef Murnau, voltar de seu auto-exílio em Roma e ser forçado a tomar decisões sobre o destino de Wolfsegg, a grande propriedade familiar, símbolo de suas aversões maiores na vida da república: fascismo, vulgaridade, catolicismo. Quem leu “Extinção” e considerou Bernhard um destemperado, cujo talento foi arruinado por uma idéia fixa, deve estar reavaliando o seu juízo.

É importante que a União Européia se expanda, reduzindo as disparidades econômicas na Europa e contribuindo para a estabilidade política. Seria desastroso se a participação da extrema direita na coalizão governamental austríaca pudesse de algum modo interferir neste processo. É importante, também, que o processo de ampliação da União Européia inclua condicionalidades de tal forma que os marcos institucionais econômicos e políticos dos novos membros não conflitem com princípios básicos de liberalização de mercados e consolidação da democracia. O problema é o que poderá fazer a União Européia quanto à ascensão da extrema direita pela via eleitoral em muitos dos seus estados membros e especialmente naqueles em que o eleitorado se revela mais infenso às lições da própria história.

*Marcelo de Paiva Abreu é professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.